

EDITOR PROPRIETARIO
JOÃO MARTINS DE ATHAYDE

A MULHER ROUBADA



PREÇO

FC-815

Leandro Gomes de Barros

Props. Filhas de José Bernardo da Silva

A Mulher Roubada

Leitor, eis a minha história
não sei se alguém acha boa;
no princípio verá logo
se será história à toa,
escrevo um caso que deu-se,
na cidade de Lisboa

Trata de Minerva Alheiro
uma senhora casada,
nascida em Panafiel,
em Vila Rica criada,
e na cidade do Porto,
foi ela lá educada

Casou-se com Paulo Alheiro
homem também educado,
porem vivia no mar
sonde era empregado,
custava a tocar em casa
devido o viver vexado

O Paulo com a mulher
tinha ambos consultado
ele trabalhar seis anos,
e juntar o ordenado
e irem morar numa quinta
que Minerva tinha herdado

Minerva tinha uma áia
 que ajudou-a criar
 quando Minerva casou
 ela não quis a deixar
 Minerva também por si,
 ela não quis desprezar

Morava em uma quinta
 quase dentro da cidade,
 a vizinhança dali,
 toda lhe tinha amizade
 ela costurava muito,
 roupas daquele arrebalde

Paulo trouxera de Cuba
 um mulato alaranjado,
 e botou ele na horta
 para lá ser empregado
 limpar a horta e plantar
 e fazer qualquer mandado

Um dia Minerva achou
 que o mulato era atrevido
 faltou-lhe com o respeito
 por ela repreendido
 dizendo Minerva e ele
 que dava parte ao marido,

Chameva-se esse individuo
 Aureliano Mulato
 por andar muito macio
 alguns chamavam-lhe Gato
 esse nome para ele
 quadrava como de fato,

Minerva um dia o mandou
 a rua comprar semente
 de alface, couves e nabos

que era necessariamente
mas recomendou a ele
a viagem muito urgente

Prontamente ele saiu
tagarelando uma lã
encontrou um estrangeiro
dizendo: que estava à tã,
porque era americano
e não conhecia Lisboa

Pediu-lhe para levar
a uma hospedaria
porque ele era estrangeiro
só podia andar com gula
e levasse em casa seria
que depois o pagaria

Passaram pelo portão
do dilo Paulo de Alheiro
Minerva estava nas quintas
plantando flor num canteiro
o americano viu-a
estando por traz dum pinheiro

Então exclamou consigo:
oh! que mulher elegante
os olhos dela parecem
o reflexo dum brilhante
é impossível que haja
criatura tão elegante!

A boca tão encarnada,
as tranças como um retrós
a cintura é um anel
deve ter bonita voz
se eu pudesse ter a dita
de conversarmos a sóe!

Disse o mulato a Minerva
 ir a sua hospedaria,
 levar um americano
 que nada ali conhecia,
 e então lhe prometeu,
 que com pouco voltaria

O maldito americano
 não esqueceu mais Minerva,
 fez do seu nome uma cousa
 que a gente bota em conserva
 um objeto de luxo
 que o dono bota em reserva

Fazia calculos consigo:
 como hei de conquistá-la?
 que fingimento usaria
 para hoje visitá-la?
 posso morrer cruelmente
 mas um dia hei de gozá-la

Quem sabe se esta mulher
 não teria aparecido
 para eu poder pagar,
 o que tenho cometido?
 se ela for minha desgraça,
 eu já sei que estou perdido

Então chegou no hotel
 foi muito bem recebido,
 puxou dez libras do bolso,
 fingindo-se agradecido,
 e deu-as ao portador,
 que ali o tinha trazido

O mulato muito alegre
 lhe disse: muito obrigado:
 cada uma libra daquela

era dois meses de ordenado
 e por isso admirou-se
 de tanto lhe terem dado

Disse ele ao mulato:
 eu preciso lhe falar
 mas a conversa é extensa
 só pode ser de vagar
 você de noite apareça
 eu tenho que lhe tratar

Eu sou dono do navio
 que entro para o estaleiro
 sou o dono e capitão
 tenho crédito e dinheiro
 farei de você feliz
 se não me for traiçoeiro

As onze horas da noite
 o mulato lá chegou
 ele ainda o esperava
 tanto que alegre ficou
 entrando para uma alcova
 ele aí explicou

Solicitou do mulato
 se Minerva era casada
 então lhe disse que era
 perguntou se era honrada
 o mulato aí contou:
 aquilo é uma janada

Disse o mulato: o marido
 chama-se Paulo de Alheiro
 tem trinta anos de idade
 é musculoso e ligeiro
 há vinte anos que vive
 na vida de marinheiro

É comandante da barca
 chamada «Polo do Norte»
 o contra-mestre da barca,
 chama-se Felix Mão Forte
 é até da irmandade,
 da Virgem da Boa-Morte

Vossa mercê vá pra lá
 diga que foi companheiro,
 e é amigo intimo
 do dito Paulo de Alheiro,
 pois para falar com ela,
 este é o ponto certo

Porque nós estamos em março
 ele só chega em dezembro,
 a vossa mercê lhe fala
 e volta cá em setembro,
 demora-se aqui no ponto
 até o mês de novembro

Então formaram o projeto
 ele ficou animado,
 deu mais dez libras ao tal
 por ter bem lhe informado
 e disse: se eu conseguir,
 dou-lhe um dinheiro avultado

No outro dia às dez horas
 foi só, não quis companheiro
 então chegou no portão,
 perguntou a um porteiro,
 se aquela propriedade,
 era de Paulo de Alheiro

Respondeu então que era
 disse que era empregado;
 indagou se a mulher

tinha em Lisboa ficado,
 — Ficou. disse o tal sujeito
 e está ali no sobrado

O sujeito era o mulato
 mas estava todo fingido;
 de forma que esta conversa
 Minerva tinha ouvido
 como bem, ele dizer,
 que era amigo do marido

— Faz favor dizer a ela
 que lhe desejo falar?
 já que não encontrei Paulo
 com quem gosto de trocar
 desejo conhecer ela,
 que quero a cumprimentar

Minerva quis lhe mandar
 dizer que estava ocupada,
 sem lhe dar demonstração
 de gente mal educada,
 queria que se dissesse
 que ela era delicada.

O mulato deu o recado
 e ela disse: mande entrar
 tinha aí um vizinho
 que lhe viesse visitar
 ela foi para uma sala,
 e o mandou se sentar.

— Bom dia, disse o recente
 — Tenha o mesmo, cavalheiro;
 perguntou ele; a senhora
 é esposa de Alheiro?
 um meu amigo distinto,
 e muito bom companheiro

—Seu eu uma sua criada;
 —Estou-lhe muito obrigado
 dizia o facinoroso
 tremendo num fraseado:
 há 6 meses que disseram-me
 que Paulo estava casado

Minerva o interrogando:
 como se chama o senhor?
 respondeu: o meu nome
 é Pekin de Wartelôr
 eu fui colega de Paulo
 fomos de um só professor

Soube que morava aqui
 embora que ele não está
 eu vim só ver a senhora
 já que ele anda por lá
 quando ele voltar lhe diga
 que Pekin andou por cá

O maldoso estudou bem
 e depois de lhe ter lido
 honestidade e pudor
 disse a si mesmo: perdido
 esta aqui pode morrer
 mas não é falsa ao marido!

Ergueu-se e disse a Minerva:
 licença que vou chegando
 tenho um navio no dique
 e deixei-o consertando
 só vim cá cumprimentá-la:
 e la se retirando

—Obrigada, disse ela
 por se ter incomodado
 —Incômodo nenhum, senhora.

precisando dum orlado
 estou sempre às suas ordens
 para servi-la me aguardo

E lhe apertando a mão
 se despediu e saiu

Minerva rapidamente
 uma tristeza sentiu
 uma lágrima de sangue
 sobre seu colo caiu

Minerva exclamou: é sangue!
 já perturbando o sentido
 o que acontecerá
 a mim ou a meu marido?
 isso será um sinal
 que Paulo tenha morrido!

O miserável saiu
 de todo contrariado
 dizendo consigo mesmo:
 meu plano foi todo errado
 se o marido dela vir
 fica mais atrapalhado

Chamou o mulato e disse:
 depósito em sua mão
 o caso mais melindroso
 de mais consideração
 você ganha o que exigir
 se sair bem na missão

Eu tenho trinta e seis anos
 tenho um grande capital
 tenho seis milhões em libra
 posto no banco real
 oito em França, dez na Grécia
 quatro aqui em Portugal

E disse: tome seis mil libras
 para o que houver precisão
 seja sagaz e ativo
 tome muita precaução
 não confie este segredo
 nem ao próprio seu irmão

Eu parto daqui a dois dias
 daqui para Noruega
 por lá eu posso saber
 aonde Paulo navega
 e enquanto não matá-lo
 meu espírito não sossega

Na Noruega então soube
 que Paulo foi para o norte
 estava encalhado no gelo
 já em perigo de morte
 disse Pekin: essa nova
 me vem melhorar de sorte

E seguiu em busca dele
 achou-o quase perdido
 estava preso no gelo
 já quase desprevenido
 se não matasse algum peixe
 talvez tivesse morrido

Paulo quando viu Pekin
 não pôde ter alegria
 o olhando mais de perto
 todo corpo lhe tremia
 o traidor quando fitou-o
 como criança sorria

Pekin sabia falar
 hebraico, alemão, inglês
 italiano e espanhol

divinamente francês
 tanto que Paulo julgou
 que ele fosse português

Quando ele viu Paulo, disse:
 Deus o guarde cavalheiro
 estava longe daqui
 encontrei um companheiro
 me disse que estava aqui
 encalhado um marinheiro

Se lhe falta alguma coisa
 eu venho bem prevenido
 trago viveres para um ano
 já vê que estou prevenido
 passo seis meses aqui
 o senhor está bem servido

Pekin disse ao paioleiro
 que descesse ao porão
 e prevenisse a cozinha
 daquela tripulação
 mandou botar o jantar
 e convidou Paulo então

Pekin mandou na dispensa
 ver o vinho especial
 Paulo conheceu o vinho
 que era de Portugal
 disse: esse aqui foi feito
 em minha terra natal

Pekin afirmou: foi mesmo
 eu passando lá comprei;
 — Saltou lá? perguntou Paulo
 disse Pekin: não saltei,
 a viagem foi urgente
 por isso não demorei

Pekin perguntou a Paulo:
 o nome do cavalheiro?
 então o rapaz lhe disse:
 Paulo de Sales Albeiro;
 disse Pekin: eu me chamo
 Paulino de Sá Avelro

Depois de um mês e dez dias
 disse Pekin: estou doente
 desta sei que não escapo
 coubeço perfeitamente
 com esta minha moléstia
 nunca escapou um vivente

Paulo ficou muito aflito
 quando assim o viu gemer
 chamou Paulo e lhe disse:
 não posso mais escrever
 nem nova da minha morte
 minha mulher há de ter

Oh! Minervina querida
 a morte me veio privar
 os reveses da fortuna
 me proibem de gozar
 o que julguei a principio
 longos anos desfrutar!

Tu eras o objeto
 de mais gosto para mim
 mas a mão da Providência
 julgou o contrário assim
 baixou do céu um decreto
 para a morte dar-me fim!

Só Deus não admirava
 vendo esse monstro exclamar
 pobre de Paulo inocente

sem nada desconfiar
 não sabia que era uma trama
 que o traidor lhe ia armar

Disse a Paulo; escreva aqui
 uma carta a minha mulher
 e quando eu morrer remeta
 no lugar que ela estiver
 embora que exija dela,
 a quantia que quiser

O leitor veja, Pekin
 que idéia concebeu,
 a letra do próprio Paulo
 na forma que ele escreveu,
 indo às mãos de Minerva
 era de crê que morreu

Na carta vinha o seguinte:
 «adeus esposa querida
 «chegou agora os últimos,
 «momentos de minha vida
 «então escrevo-te esta carta
 «por lembrança e despedida

«O portador desta mesma
 «leva a minha embarcação,
 «promete, se não morrer
 «entregá-la a meu patrão,
 «como também esta carta
 «entregar em tua mão

«Tenho um pedido a fazer-te
 «se acaso quiser casar
 «procura um homem distinto
 «que possa estado te dar,
 «eu preferia Pekin
 «um amigo que tenho no mar

Paulo ficar sepultado
 matar a tripulação
 depois voltar descansado

Paulo seguia na frente
 na margem do rio passou
 e Pekin que vinha atrás
 bem nas costas lhe atirou,
 ele caiu dentro d'água,
 a correnteza levou

Pekin dizia consigo:
 agora principiei,
 a obra está em caminho,
 não sei quando acabarei,
 o que havia mais custoso
 eu já desembaracei

Voltou ao navio de Paulo
 disse que Paulo dizia,
 que a tripulação jantasse
 que ele lá mesmo dormia
 estava enfadado da caça
 voltava no outro dia

Achou tudo descuidado
 se dirigiu a cozinha,
 num instante envenenou
 toda comida que tinha
 voltou dizendo consigo,
 caçada lorde esta minha!

De vinte e dois marinheiros
 somente um escapou,
 por ser muito experiente
 por isso foi que ficou,
 desconfiado do caso
 foi se deitar não jantou

Quando viu a mortandade
 que no barco tinha havido
 disse consigo: fui feliz
 daquilo não ter comido
 já sei com toda certeza,
 que Paulo foi consumido

O marinheiro exclamou:
 foi morto o meu comandante
 foi aquele traidor
 liquidou-o num instante:
 jurou que se não morresse,
 levava a questão avante

Olhou para o lado aonde
 o barco de Pekin estava
 este já tinha saído
 ele entre si murmurava,
 pensando sem acertar,
 como ele se vingava

Pensava o velho grumete
 como havia de escapar,
 naquele lugar estranho
 quem o podia salvar?
 outra embarcação ali
 era custoso de encontrar

Determinou ir pra ilha
 a fim de ver se escapava
 e para ver se alguma caça
 ou algum peixe ali pegava,
 pedindo a Deus que mostrasse
 qualquer barco que passava

Tomou um bote e saiu
 como um ente sem sentido,
 de manhã estava chorando

ouviu um grande gemido
 quando foi ver era Paulo
 que ainda não tinha morrido
 Pekin veio ver de manhã
 se tinha alguém escapado,
 achou o barco deserto
 tudo tinha se acabado
 sorriu com um sorriso triste
 que sempre tem o malvado

Mandou levantar o ferro
 sem quase fazer manobra
 dando uma livre expansão
 no seu destino de cobra
 dizendo: estou muito perto
 de concluir minha obra

 Porem Deus é grande e justo,
 auxilia o desgraçado,
 mostra sempre ao inocente,
 o que esconde ao malvado
 Deus atrapalha o projeto,
 do mal intencionado

Então Pekin calculou
 que o projeto mais real
 era levar o navio,
 a um porto principal
 de lá remeter a carta
 com destino a Portugal

 O leitor já leu a carta
 que ele mandou escrever,
 a carta escrita por Paulo
 foi para Minerva crer,
 pois a letra do marido,
 havia de conhecer

Formulou todos os calculos
 porem a idéia mais fina
 foi em dizer que a mulher
 se chamava Minervina
 depois rapando três letras
 dizendo: o nome combina

O nome de Minervina
 remendou e fez Minerva
 de Paulino formou Paulo
 e disse: está pronta a serva
 só faltam as cartas seguirem
 com pouco o correio as leva

Era uma tarde de abril
 o vento soprava ligeiro
 o espaço estava lindo
 não tinha um só nevoeiro
 quando da casa de Paulo
 se aproximava um carteiro

Minerva foi-lhe ao encontro
 e em completo desespero
 perguntou muito vexada:
 que nova traz, cavalheiro?
 —São duas cartas com luto
 para Minerva de Alheiro

Minerva abriu uma carta
 e logo empalideceu
 era uma carta de pêzames
 que Pekin lhe remeteu
 dizendo que o seu marido
 em setembro faleceu

No estreito de Bering
 topou a embarcação
 estava presa no gelo

perdeu a tripulação
depois deu nele uma febre
não pode ter salvação

E eu passando por lá
vi uma bandeira içada,
chegando lá encontrei-o
com febre muito alterada
dei-lhe os remédios que tinha
e não pude alcançar nada

Depois de uns oito ou 10 dias
chegou outro companheiro
o americano Pekin
seu amigo verdadeiro
tanto que quase enlouquece
devido Paulo de Alheiro

O leitor veja que trama
tinha armado esse malvado
sendo suss as duas cartas
como foi tão bem ideado
para Minerva enganar-se
como tinha projetado

Mande na ilha de Madeira
procurar a certidão
como também lá deixei
papel e embarcação
no mais sou um seu criado,
Cristovão Carlos Galvão

Abriu então outra carta
viu que Paulo a escreveu,
pois a letra do marido
certo é que a conheceu,
tinha sido um plano certo
que o traidor concebeu

Então Minerva dizia:
 oh! vida sem esperança
 perdi meu pai tão pequena
 casei-me quase criança
 ficar viúva assim tão moça
 uma alma assim não descansa!

Margarida, a sua aia
 em soluço se afogava
 o mulato ocultamente
 risonho se conservava
 contando com dez mil libras
 que o novo patrão lhe dava

Minerva fitou o céu
 exclamou: oh! meu Senhor
 Deus e homem verdadeiro
 meu pai e meu protetor
 orai por esta infeliz
 meu Jesus, por vosso amor!

E vós oh! Virgem Maria
 bem sabeis quanto é a pena
 pois na morte de teu filho
 passaste uma horrenda cena
 dai-me o conforto que destes
 à contrita Madalena!

Depois de oito ou dez dias
 foi despedido o mulato
 disse Minerva: da horta
 eu sozinha mesmo trato
 ele dizia consigo:
 eu dou-te lição de gato

Depois de um ou dois meses:
 o Pekin apareceu
 foi a casa de Minerva

e ela não o recebeu
 porque quando ouviu ele falar
 o coração lhe bateu

O traidor não sabia
 que meio havia de achar
 a força era impossível
 tinha a lei para empatar
 pensava de dia e de noite
 que meio podia empregar

Ele escreveu a Minerva
 falando do ocorrido
 dizendo: eu fui o maior
 amigo do seu marido
 e tenho uma carta dele
 que fala nesse sentido

Desejava a sua mão
 visto lhe ter amizade
 pois desejava fazer
 a sua felicidade
 sou novo, rico e solteiro
 devo ter prosperidade

Minerva mandou dizer-lhe
 que ficava agradecida
 dele ter essa lembrança
 em fazer dela escolhida
 já tinha jurado a Deus
 desprezar tudo na vida

Pekin pediu a uma freira
 lhe pedindo que fizesse
 com que Minerva amansasse
 e ela mesmo dissesse
 podia pedir a ele
 a quantia que quisesse

Então a freira lhe disse
 que sabia uma oração
 que rezada abrandaria
 a qualquer um coração
 ainda sendo de fera,

quanto mais quem é cristão

A freira foi a Minerva
 com um recado fingido:
 há três noites que eu sonho
 com a alma do seu marido
 que mandou dizer por mim
 que não falte seu pedido

Pekín tinha dito a freira
 tudo que tinha passado
 só não lhe contou o modo
 que foi Paulo assassinado
 mas o resto do segredo
 lhe havia revelado

Minerva disse: é trama
 que esta freira quer armar
 mas o segredo da carta
 onde ela podia achar?
 e disse a freira: nem Deus
 pode obrigar-me a casar.

A velha voltou e disse:
 eu não pude fazer nada
 a viúva é uma fera
 não há quem tome chegada
 ouve falar no marido
 chora como uma danada

Pekín suspirando disse:
 foi debalde o meu lutar!
 a freira disse: eu vou ver

se a posso narcotizar;
 disse Pekin: é o meio
 porque a posso pilhar

Foi a bordo e preveniu
 a toda tripulação
 dizendo: hoje não sai
 ninguém dessa embarcação,
 saiu com seis marinheiros
 que tinha disposição

Foi onde estava a freira
 disse ela: preparei
 levei o líquido daqui
 que com um químico arrumei
 achei ela descuidada
 no bule do chá botei

Aí Pekin disse a freira:
 existe aqui um mulato
 que foi empregado dela
 o Aureliano Gato
 conhece todo o segredo;
 a freira disse: eu o matei

Chamou o mulato e deu-lhe
 o veneno e ele bebeu
 com dez minutos depois
 na sala ele morreu
 disse a freira: a hora é própria
 ele já adormeceu

Levaram uma chave falsa
 com ela abriram o portão
 abriram a porta da frente
 passaram pelo salão
 estavam Minerva e a áia
 dormindo ao pé do fogão

Então trazia um berço
da forma de uma liteira
e disse: siga com ela;
e aí matou a freira
deixou-a sobre o sofá
disse: fica, alcoviteira!

Quando Minerva acordou
estava num leito importante
num camarote soberbo
um objeto galante
nas borlotas das cortinas
em cada uma um brilhante

Assim que Minerva acordou
e viu Pekin a seu lado
exclamou: o que foi isso?
Deus terá me castigado?
onde estou? que casa é esta?
oh! Deus, olhai meu estado!

Pekin na beira do leito
se ajoelhou soluçando
—Perdão! perdão! minha bela!
exclamou se lastimando,
perdoa a este infeliz
que aqui está te adorando!

Então perguntou Minerva;
como foi que vim aqui?
será por acaso um sonho
não é porque não dormi:
por caridade me diga
quem és tu que estás aí!

—Sou eu, respondeu Pekin,
aquele que te escreveu
que assistiu teu marido

no dia que faleceu;
 ela aí deu uma síncope
 fechou os olhos e gemeu
 Pekin foi ver chocolate
 pediu para ela aceitar
 Minerva aí calculou
 que era feio recusar
 Pekin deixou-a sozinha,
 para não a perturbar

Minerva com Margarida
 estava em uma conversa
 sem saberem porque meio
 lhe fizeram aquela peça
 então Margarida disse:
 ele a senhora confessa.

Finja lhe ter amizade
 exija uma condição
 de lhe respeitar a honra
 enquanto não der-lhe a mão
 só assim nós poderemos
 sair desta embarcação

Chegou Pekin muito alegre
 Minerva o cumprimentou
 Pekin ficou tão contente
 que de alegre não falou
 fitando os olhos em Minerva
 como uma estatua ficou

Disse Minerva: o senhor
 pode um favor me fazer?
 --Não sendo para deixar-te,
 o mais fácil é obter,
 inda que fosse meu sangue,
 que desejassem beber

—O senhor, trouxe-me aqui
me diga qual intenção?
isto perguntou Minerva
na maior perturbação
então respondeu Pekin:
meu desejo é dar-te a mão

—Pois bem, respondeu Minerva
visto querer me esposar
quero pedir ao senhor
que queira me respeitar
só me considero sua,
no dia que me casar.

—Pois não; respondeu Pekin
você está em seu direito,
com esta resolução
eu fiquei mais satisfeito,
já conheci que a senhora,
exige muito respeito.

Disse Pekin a Minerva:
pode escolher o país
aonde quiser casar
hoje eu me julgo feliz;
disse Minerva: por mim
dou preferência a Paris.

Pekin ficando contente
revelou todo passado;
o mulato que a freira
tinha o envenenado,
disse que a freira foi morta,
por mão de 1 seu empregado
Descobriu mais pela forma
que a tinha narcotizado,
condenando só a freira

dizendo a ter enganado
e levantando mais outra
da freira um falso recado

Minerva pediu a ele
que passasse por Cadi
que ela queria pagar
uma promessa em Madri
para rever uma igreja
dum santo que havia ali

Disse Pekin: não há dúvida
é perto, posso passar
demoro lá uns dois dias
dou tempo a você chegar
agora lembrou-me até
tenho um negócio a tratar

Chegando então a Cadi
Minerva lhe quis chamar
pois assim era mais fácil
Pekin não desconfiar
diz ele: vai meu criado
não tem o que recear

Alugou o melhor carro
que no ponto apareceu
mil contos de réis em jóias
a Minerva Pekin deu
perguntou ele a Minerva:
aceita um abraço meu?

— Aceito, respondeu ela
sentindo na alma um assombro
Minerva quase que morre
dando um pequeno tombo
ele com muito respeito
pôs-lhe a mão sobre o ombro

Sairam e Bulafer
 tambem a acompanhou
 ele se arrependeu tarde
 e ai desconfiou
 ele sabia o que fez
 o remorso o acusou

Chamou um criado velho
 e disse: você vá
 a Madri, não perca tempo
 veja o que se passa lá
 se houver causa contra mim
 telegrafe para cá

Ele chegando em Madri
 logo ao entrar na cidade
 Minerva se dirigiu
 a primeira autoridade
 fez ciente ao comissário
 de sua infelicidade

O comandante dall
 era um homem justiceiro
 prendeu no mesmo momento
 o criado e o boleeiro
 telegrafou pra Cadl
 que prendesse o traiçoeiro

Porem o criado velho
 de tudo tinha sabido
 telegrafou a Pekin:
 patrão, negocio perdido!
 telegrafou noutro nome
 para não ser conhecido

Pekin com essa noticia
 conheceu a perdição
 abriu o ferro da barca

que estava de prontidão
 vendo a hora que a justiça
 podia lançar-lhe a mão
 Bulafer descobriu tudo
 quando foi ao tribunal
 Minerva tomou o trem
 regressou a Portugal
 ficando ali nos cuidados
 da força policial

Pekin pensava em Minerva
 rugia como um leão
 dizendo: antes perdesse
 a minha tripulação
 até mesmo a própria barca
 fosse de encontro a um tufão
 Vamos tratar sobre Paulo
 quando o tiro recebeu
 caindo dentro do rio
 na correnteza desceu
 depois pegou-se em um pau
 segurou-se e não morreu

Quando foi no outro dia
 o marinheiro o achou
 Paulo estava quase morto
 um marinheiro o salvou
 pôde lhe extrair a bala
 depois a fistula sarou
 Não sabia porque forma
 tinha sido essa traição
 Paulo não tinha inimigo
 disse o marinheiro: então
 foi a mulher, não foi mais nada
 que causou essa questão

— Minha mulher, disse Paulo
 não creio que me traisse
 respeitava minhas cinzas
 inda que eu não existisse
 não creio inda que a sorte
 por castigo permitisse

Estavam all há dois anos
 comendo cabra montês
 um dia estavam sentados
 se maldizendo talvez
 quando viram uma bandeira
 de um hiate português

Paulo pedindo socorro
 veio um bote os buscar
 Paulo soluçava tanto
 que não podia contar
 depois de cinco ou seis horas
 foi quando pode falar

Afinal levaram Paulo
 à sua terra natal
 com seis meses de viagem
 chegou ele em Portugal
 jurou de não fazer a barba
 antes de ver seu rival

Paulo saltou e foi logo
 para sua habitação
 eram três horas da tarde
 quando bateu no portão
 Margarida quando o viu
 gritou logo: é um ladrão!

— Ladrão o quê, Margarida
 Paulo logo respondeu
 não sou Paulo de Alheiro?

Margarida enfureceu
dizendo: meu amo, não
esse há dois anos morreu!

E chamou pela policia
deram-lhe voz de prisão
disse Paulo: diga a Minerva
que chegue aqui no portão;
Minerva de longe vendo
confirmou: é um ladrão!

Minerva, coltada, vendo
o que tinha acontecido
devido a carta de Paulo
que já tinha recebido
não podia vir-lhe à mente
que aquele fosse seu marido

Paulo quando viu Minerva
deu-lhe uma síncope, caiu
soltou um grito tão grande
que a mulher do quarto ouviu
exclamou: oh! que desgraça
minha mulher me trai!

Nada mais disse à policia
e seguiu para a prisão
dando-lhe muitas vertigens
naquela perturbação
estava da côr de tinta
o sangue do coração

No outro dia às dez horas
Paulo foi interrogado
porem nada respondeu
do que lhe foi perguntado
nisto chega o marinheiro
que a Paulo tinha salvado

Sr. comandante, está preso?
 perguntou o marinheiro
 o juiz lhe perguntou:
 conhece o prisioneiro?

—Conheço, disse o grumete
 pois não é Paulo de Alheiro?

—Paulo não, disse o juiz
 Paulo faleceu no norte

—Não senhor, respondeu Paulo
 o poder de Deus é forte
 a mulher mandou matar-me
 mas Deus revogou a sorte

—Mas quem é sua mulher?

interrogou o juiz

—Não é Minerva de Alheiro?

o ente mais infeliz,
 interrogue este grumete
 que sabe tudo e lhe diz

Então o grumete disse
 tudo que tinha se dado
 deu os sinais de Pekin
 mas com o nome mudado
 o juiz disse: senhor Paulo
 você está mal informado

—Dr. eu não sou criança
 respondeu Paulo de Alheiro
 minha mulher me traiu
 com aquele traíçoeiro
 e para melhor provar
 fez-me até prisioneiro

—Vá chamar dona Minerva
 disse o juiz a um soldado
 disse Paulo: antes eu quero

ser agora degolado
do que olhar a mulher
por quem eu sou ultrajado!

Dou-lhe a metade dos bens
se o senhor dispensar
obrigar-me a ver Minerva
é mais do que me matar;
de súbito chegou Minerva
Paulo não pode falar

Quando Minerva chegou
que conheceu o marido
pensou logo na ingratição
que já tinha cometido
devido a barba de Paulo
que muito tinha crescido

Caiu-lhe aos pés, de joelhos
e lhe pediu por caridade
que liquidasse seus dias
indo com rigoridade
dizendo: creia por Deus
não o conheci ontem a tarde

--Mulher! exclamava Paulo
inda não estás consolada
de mandar-me tirar a vida
por meio de uma cilada?
mostrou-lhe a fistula do tiro
que ainda não estava sarada

Te iludiste com um malvado
projetando me ofender
eu para ti já morri
nada mais tenho a dizer
inda cheguei inocente
tu me mandaste prender!

Minerva exclamou: oh! Paulo
 não me levantes um falso
 eu estive em condição
 como um réu no cadafalso
 Deus vendo nossa inocência
 livrou-me deste embaraço

Ela aí puxou as cartas
 que do correio recebeu
 entregou na mão de Paulo
 ele abriu a carta e leu
 Minerva aí perguntou-lhe:
 não foi você que escreveu?

Paulo ao ler as tais cartas
 deu-lhe uma sufocação
 —Foi exato, disse Paulo
 escrevi-as com minha mão:
 aí contou a miúdo
 como se fez a traição

Oh! Minerva, me perdoa
 a minha grande maldade
 tive razão de cismar
 pelo que deu-se ontem a tarde
 eu ainda hei de vingar-me
 daquele infeliz covarde!

Paulo comprou um hiate
 então se lançou ao mar
 disse a Minerva: você
 por mim não tem de esperar
 vou por todo mundo a fora
 até Pekin encontrar

Escolheu dez marinheiros
 e largou-se no oceano
 levaram água e comida

para passar mais de um ano
 foi o destino mais forte
 que se viu no corpo humano

Andaram mais de dois anos
 sem poder Pekin achar
 uma noite muita escura
 viram um farol no mar
 e Paulo apagou o dele,
 para se certificar

—É Pekin; disse o grumete
 eu conheço o farol dele
 navio ancorado ali
 ou é pirata ou é ele;
 disse Paulo: se preparem
 vamos fazer fogo nele

Disse um velho marinheiro:
 faça-se averiguação
 pode ser algum navio
 de outra qualquer nação;
 disse Paulo: se for ele
 eu quero pegar-lhe a mão

Com menos de duas horas
 tudo ali se convenceu
 Paulo aproximou-se dele,
 que era Pekin conheceu
 ele deu fé que era Paulo
 abriu o ferro e correu

Paulo seguiu atrás dele
 como um leão furioso
 como um cão com hidrofobia,
 desesperado e raivoso
 em seis dias de viagem
 Paulo não teve um repouso

Correram vinte e seis dias
 pelo mar desconhecido
 passaram cabo e estreitos
 onde ninguém tinha ido
 disse Paulo: eu me vingo
 ou no mar sou consumido

Um dia pelas seis horas
 Pekin aí desgraçou-se
 o barco ia tão veloz
 bateu numa pedra e furou-se
 não tinha mais o que fazer
 Pekin aí entregou-se

— Miserável! exclamou Paulo
 estás agora em meu poder
 aqui mesmo eu não te mato
 pois Minerva há de te ver
 numa praça em Portugal
 hás de em uma força morrer

Ele nada disse a Paulo
 perdeu de tudo a ação
 espumava pela boca
 que parecia um leão
 Paulo botou-o nos ferros
 e levou-o no porão

Chegou preso em Portugal
 e quando desembarcou
 a justiça veio ver

Minerva se apresentou
 assim que ele viu Minerva
 calu no chão, exclamou:

Ainda preso e quase morto
 nestá desgraça em que estou
 tenho o prazer de olhar

esta que me enfeitou!
acenou-lhe com a mão
neste momento expirou

Paulo aí sim, fez a barba
pagou a tripulação
largou a vida do mar
descansou seu coração
foi viver com a mulher
na antiga habitação

No enterro de Pekin
foi no bolso dele achado
o papel de um testamento
muito bem documentado
feito por tabelião
e por Pekin assinado

Achou-se o teor seguinte:
«eu Pekin homem solteiro
com trinta e seis anos justos
constituo o meu herdeiro
de todos os meus possuidos
dona Minerva de Alheiros

Ainda mesmo que seja
assassinado por ela
declaro hoje e assino
todos meus bens serão dela
dona Minerva de Alheiro
tem todo direito nela

Sou livre e desempedido
capitalista solteiro
não tenho pai e nem mãe
nem quem seja meu herdeiro
acharam as letras do banco
onde ela tinha dinheiro

Encontrou-se outro papel
 onde Pekin escreveu
 a exclamação que fez
 quando a Minerva perdeu
 amaldiçoou o dia
 e a hora em que nasceu

«Minerva, anjo divino
 doce e feliz companhia
 flor das flores, anjos dos anjos
 se eu tornasse a ver-te 1 dia
 ainda tu me matando
 a morte eu não sentiria

Sem ti eu me considero
 barco sem vela e sem norte
 morrendo em tua presença
 não julgo ruim a sorte
 vendo a tua linda imagem
 na hora da minha morte!

De que me servem os milhões
 que tenho de contos de réis
 não possuindo uma jóia
 de valor quanto tu és
 antes eu pedisse esmola
 comendo o pão a teus pés!

O cão que tinhas na horta
 era mais feliz que eu
 pois tu sorrindo passava-lhe
 a mão pelo lombo seu
 que gloria! que encanto doce
 aquele cão recebeu!

Sou um pobre desgraçado
 da sorte desprotegido
 amei e não fui amado

quis, tanto e não fui querido
 dinheiro não é fortuna
 se fosse eu era servido!

Com todo desprezo seu
 não maldigo o nome dela
 antes peço a Divindade
 que não desampare ela
 é muito raro encontrar-se
 outra mulher como aquela!

Esteve em meu poder seis meses
 com toda dignidade
 seu caráter para mim
 tinha toda autoridade
 eu era o vassalo dela
 ela, real majestade.

Oh! Minerva, anjo ditoso
 o quanto bela tu és
 eu sou como um cão leproso
 nas agonias cruéis
 suplica amores ao dono
 o dono mete lhe os pés!

Eu morrendo o que possuo
 ficará em nome teu
 te peço por tua honra
 aceite tudo que é meu
 quero que goze meus bens
 am mais feliz do que eu!

Deus queira guiar-te os passos
 lá por onde tu andares
 eu carpirei o destino
 aqui nas ondas dos mares
 onde falta-me a alegria
 onde sobra meus pezares!

Onde o silencio me traz
recordação dolorosa;
momento que me julgava
ser a alma mais ditosa
porque olhava um momento
tua imagem melindrosa!

Pois eu nunca tinha visto
uns olhos como estes teus
elbar de um fluido atrevido
que cativaram os meus
de cada vez que olhava
via um sorriso de Deus!

— Não queremos nada dele
dissa Paulo a mulher
todo testamento dele
fique para quem quiser
nós não queremos tocar
em nada que ele tiver

Disse o juiz: nesse caso
se lembre da caridade
mande tirar o dinheiro
e comprar propriedade
para remir a pobreza
e criar a orfandade

Levaram a procuração
Minerva então assinou
fez presente a caridade
nela tambem não tocou
deu tudo aos desamparados
amparando as desgraçados
com o dinheiro que ficou

— F I M -- Juazeiro, 27-12-76

Literatura de Cordel

José Bernardo da Silva Ltda.

Grande variedade de folhetos e orações.
R. Sta. Luzia, 263-Juazeiro do Norte-Ce

AGENTES:

EDSON PINTO DA SILVA

Mercado S. José—Compartimento N. 7
Recife — Pernambuco

BENEDITO ANTONIO DE MATOS

Café São Miguel, dentro do Mercado
Central -- Fortaleza -- Ceará

ANTONIO ALVES DA SILVA

Rua Clodoaldo de Freitas, 707
Terezina Piauí

JOÃO SEVERO DA SILVA

Travessa Dr. Carvalho, 70 — Bayeux
R. Silva Jardim, 836 — João Pessoa-Pb
E Rua Sátiro Dias, 1457

Alecrim — Natal — RN.

MARIA JOSÉ SILVA ARRUDA

QE 24 — Conjunto D — Casa 9
Guará 2 — Brasília — DF

SEVERINO JOSÉ DOS SANTOS

Rua Eng. Paulo Lopes, 695
Lote 4, final de Ônibus, 745 Cascadura
Bangu — Rio de Janeiro — RJ

ARTHUR PEREIRA DE SALLES

Av. Santana do Ipanema, 315
Baixo Cruz das Almas — Maceió — Al.